

PERFIL

FRANCISCA PRAGUER FRÓES (1872 - 1931)

Primeira professora de Medicina da Bahia

Nasceu **Francisca Barreto Pragner** em 21 de outubro de 1872, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. Era filha de Francisca Rosa Barreto Pragner e Henrique Pragner, imigrante croata de origem judia. Teve primorosa educação e demonstrou, desde criança, uma inteligência privilegiada.

Vencendo o preconceito da época, segundo o qual era vedado às mulheres o exercício da Medicina, matriculou-se aos 16 anos (em 1888) na Faculdade de Medicina da Bahia, colando o grau de doutora em Medicina em 9 de dezembro de 1893 (77ª turma), defendendo a tese inaugural “Breves noções sobre a raspagem uterina”.

Para conseguir seu intento, lutou contra a objeção da família, a qual argumentava que a “Medicina é profissão de homem, e não de mulher”. Efetivamente, a primeira médica do Brasil foi Rita Lobato Velho Lopes, gaúcha, diplomada pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1887. A Fameb, no período de 1888 a 1893, diplomou mais três médicas: Amélia Pedrosa Benebien (cearense) e Efigênia Veiga (baiana), em 1890; e Gláfira Corina de Araújo (baiana), em 1892. Francisca Barreto Pragner foi a 5ª médica formada pela escola médi-

ca primaz do Brasil. Dentre seus colegas de turma destacamos Gonçalo Moniz Sodré de Aragão e João Gonçalves Martins, futuros professores da FMB.

Ainda estudante, em 1892, foi interna da enfermaria de partos, na Santa Casa de Misericórdia. Diplomada, exerceu a clínica obstétrica na Maternidade Climério de Oliveira. Foi a primeira mulher a exercer a docência na Medicina baiana. Segundo Eliane Azevêdo (2008), Francisca Pragner Fróes é uma das pioneiras do ensino médico e superior brasileiro. Em 1895, com 23 anos de idade, apresentou à Sociedade de Medicina e Cirurgia da Bahia um trabalho fundamentado em sua própria experiência: “Observação de um caso de gravidez extra-uterina abdominal”, primeira publicação de uma mulher na *Gazeta Médica da Bahia-GMB* (PRAGUER, 1895). Na Memória Histórica 1914, Caio Octavio Ferreira de Moura destaca que Francisca Pragner foi a primeira mulher a participar do corpo editorial da *GMB*, a partir de 1907. Redatora da *Gazeta*, ela publicou vários artigos científicos, abordando temas como o parto, a gravidez assistida e as doenças sexualmente transmitidas.

Casou-se com João Américo Garcês Fróes (ver também nesta galeria), médico diplomado na Faculdade de Medi-



Foto: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pragner_Froes.jpg>

cina da Bahia em 1895, com quem teve dois filhos. O Dr. Garcês Fróes obteve, por concurso, em 1909, a cátedra de Clínica Médica e criou a cadeira de Doenças Infecciosas e Parasitárias.

Foi a primeira mulher, na Bahia, a dirigir um Serviço de Obstetrícia. Por proposta do Prof. Climério de Oliveira, catedrático de Clínica Obstétrica e Ginecológica, em 23 de dezembro de 1893, foi designada para o cargo de “Parteira da Maternidade da FMB”, na época, numa enfermaria do Hospital da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, instalada em 1875, pelo Lente da Cadeira de Partos, Prof. Adriano Alves de Lima Gordilho, Barão de Itapoã, até a inauguração da Maternidade Climério de Oliveira, em 1910. Esta sim, a maternidade de ensino da faculdade.

O cargo de “Parteira” da Maternidade surgiu com o Decreto nº 7.247 de 19

de abril de 1879, que diz, no parágrafo 12: “Na Clínica de Partos, além do Assistente, haverá somente um interno e uma parteira”. Ela exerceu esta função até se aposentar por motivos de saúde, em novembro de 1914.

Novamente, é do seu contemporâneo, o memorialista de 1914, Prof. Caio Moura (1916), o testemunho de sua atividade como docente: “Dra. Francisca Pragner Fróes (...) foi uma das mais distintas auxiliares que teve o ensino da nossa Faculdade”. Para não haver dúvidas, no Decreto nº 8.659, de 5 de abril de 1911, que se refere a “Constituição dos Corpos Docentes, Professores Ordinários, Extraordinários, Effectivos e Honorários, Mestres, Livres Docentes e Auxiliares do Ensino”. No artigo 39 diz: “os auxiliares de ensino são os preparadores, os assistentes, as parteiras e os internos de Clínica, cujas nomeações e deveres serão definidos nos regulamentos específicos” (BRASIL. COLEÇÃO DAS LEIS, 1914, p.498; grifos nossos).

Uma vez casada, **Francisca Pragner Fróes**, além de exercer a especialidade obstétrica, continuou a luta contra as limitações impostas às mulheres. A partir de 1903, começou a defender, publicamente, a emancipação feminina. Naquele ano, publicou, na *Gazeta Médica da Bahia*, um artigo, verdadeiro libelo contra o preconceito, exigindo que as mulheres tivessem o mesmo direito dos homens, nas faculdades de Medicina. Sua luta em favor do feminismo repercutiu em todo o Estado, bem como no restante do país. Nos idos de 1917, defendeu o divórcio, publicando um artigo altamente polêmico.

Ao longo de trinta anos, não mediu

esforços no sentido de romper o preconceito e convencer o país sobre a necessidade da emancipação feminina. Em 1931, foi eleita presidente da União Universitária Feminina (Livro de Atas, 1931), ligada à Federação Baiana pelo Progresso Feminino, uma filial da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, fundada no Rio de Janeiro, em 1922, por Bertha Lutz, bióloga brasileira. Médica e líder feminista, A Dra. Francisca Pragner Fróes ganhou fama nacional, sendo uma referência da luta pela emancipação feminina para todo o país.

Faleceu em 1931, no Rio de Janeiro, quando participava do segundo Congresso Internacional Feminista. Encantada é nome de rua na Barra (CEP 40130-020), bairro encantador de Salvador. É patrona da cadeira 24 da Academia Bra-

sileira de Médicos Escritores (Abrames), fundada em 26 de novembro de 1987. Por decisão da Congregação, em outubro de 2013, um dos auditórios do Prédio da FMB-UFBA, no Canela, ganhou o seu nome em justa homenagem pelo seu protagonismo médico e feminino.

Uma curiosa homenagem está no soneto “Página vazia”, que lhe dedicou Euclides da Cunha, célebre autor de *Os Sertões*, no álbum da jovem médica baiana, que ganhou o poema do então engenheiro e jornalista – de volta da “região assustadora” (leia-se: Canudos) de onde vinha, “revendo inda na mente/ Muitas cenas do drama comovente/ Da Guerra despiedada e aterradora” -, no dia seguinte de seu retorno à capital baiana, conforme ele datou abaixo da assinatura: 14 de outubro de 1897.

PÁGINA VAZIA

Quem volta da região assustadora
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovente
Da Guerra despiedada e aterradora,

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto ou ditrambo ardente,
Que possa figurar dignamente
Em vosso Álbum gentil, minha Senhora.

E quando, com fidalga gentileza,
Cedestes-me esta página, a nobreza
Da vossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde nesta folha lesse
Perguntaria: “Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes”?!!

Euclides da Cunha, 14 de outubro de 1897

Leitura recomendada

RAGO, Elisabeth Juliska. “Medicina e Feminismo no início do século XX: Francisca Pragner Fróes (Bahia: 1872-1931)”. In: *Revista do IHGB, Rio de Janeiro*, a. 163, n. 415, abr./jun. 2002.